

Banqueiros se dividem em 3 grupos

A equipe de negociadores da dívida externa brasileira está traçando um programa de viagens internacionais que pode incluir o Japão e países da Europa, com o objetivo de ampliar a divulgação da proposta brasileira de renegociação da dívida. O Ministério da Economia tem indicações de que há, entre os credores, três diferentes tipos de reação à proposta brasileira de só fazer pagamentos de acordo com a capacidade anual de desembolsos do país: um grupo de banqueiros

resiste firmemente à posição e quer o pagamento pelo menos de parte dos juros atrasados; um segundo grupo seria favorável à negociação a partir da proposta feita pelo Brasil e um terceiro rejeita a proposta, mas aceita negociar.

Ontem, era grande a expectativa na equipe econômica do governo em relação à reunião do Comitê Assessor de bancos credores, que estava ocorrendo em Nova Iorque, a partir da qual os banqueiros deverão marcar uma segunda reunião com negociadores brasileiros para continuar, ou não, as negociações. O secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, um dos principais negociadores, acredita que, nos últimos dias, fatos importantes se somaram no sentido de fortalecer a posição do Brasil junto à comunidade financeira. O primeiro deles

foi a firme manifestação de apoio do Congresso Nacional à fórmula de negociação apresentada aos credores. Ao mesmo tempo, a missão de nove economistas representantes do Comitê Assessor deixou Brasília na quarta-feira, depois de três dias de detalhadas explicações sobre o embasamento técnico da proposta brasileira. "Eles ficaram muito bem-impressionados e, no mínimo, adquiriram, em relação à nossa proposta, uma grande admiração intelectual", observou Kandir, com entusiasmo.

Um terceiro fato, não menos importante — acrescenta Kandir —, foi o pronunciamento feito pelo presidente Fernando Collor, antes de encerrar a visita que fez a Portugal, na quinta-feira. Durante uma entrevista coletiva, o presidente reiterou a determinação do governo de não sacri-

ficar o crescimento econômico e o combate à inflação para atender aos compromissos com os credores internacionais. Essas reações internas tendem a fortalecer, no exterior, a imagem de que a proposta brasileira está respaldada num consenso político, além de ser tecnicamente respeitável, raciocina Kandir.

Ele pondera, no entanto, que é cedo para prever qualquer tipo de desdobramento das negociações com os credores, ou mesmo se o país fará, ou não, algum pagamento dos juros atrasados antes do final do ano. E garante que o governo, embora prefira uma solução definitiva para o problema da dívida externa, no menor prazo possível, terá a paciência necessária para deixar as negociações evoluírem sem atropelamentos e sem abrir mão do princípio básico de somente pagar de acordo com a capacidade.